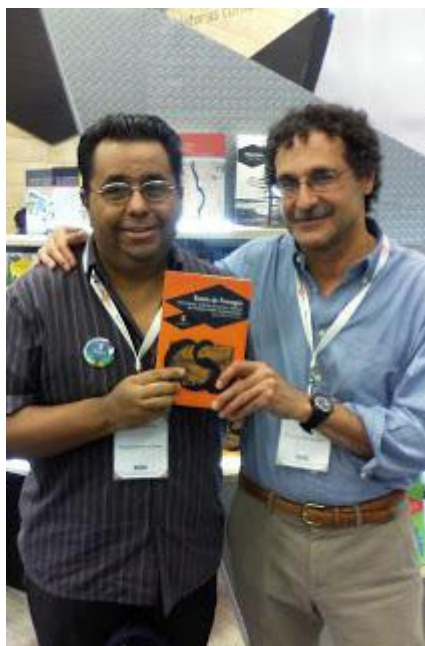


## Entrevista com Juan Díaz Victoria, tradutor de Joyce para o castelhano

Por Luis Henrique Garcia Ferreira<sup>1</sup>  
(em português)



J.D. Victoria, de camisa escura, ao lado de Fabio Morábito, poeta e narrador ítalo-mexicano. Fotografia do arquivo pessoal do tradutor (2021).

Juan Díaz Victoria (JD Victoria) nasceu no México, em Cuernavaca, Morelos, em 20 de outubro de 1969. Graduou-se em Ciências da Comunicação pelo Instituto de Tecnologia e Ensino Superior de Monterrey (ITESM), Campus de Morelos. Poeta e contador de histórias, tem colaborado com artigos, resenhas, entrevistas e obras de criação literária para diversas publicações e antologias no México, Espanha e América do Sul. Atualmente, está preparando a tradução comentada para o castelhano de *Finnegans Wake*, de James Joyce. Nessa entrevista, realizada por e-mail em setembro de 2021, após traçar a sua trajetória na literatura, Victoria fala sobre a sua tradução anotada da última obra de Joyce, abordando questões relativas ao processo de tradução e à recepção do seu trabalho. O tradutor mexicano defende uma proposta tradutória que traga clareza ao texto joyceano, priorizando “os significados, a coerência do texto, o surgimento da trama ‘linear e inter-relacionada’”.

---

<sup>1</sup> Luis Henrique Garcia Ferreira é doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

### *Você pode falar sobre você e sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?*

Sou mexicano e nasci em Quauhnáhuac, que Lowry cita em seu *Bajo el Volcán*, então desde a faculdade (quando li esse romance por conta própria) tive a impressão de viver em um ambiente literário, como Macondo ou Comala, o que é outra realidade, já que a cidade do texto é uma ponte fantástica entre partes do estado de Oaxaca e o estado de Morelos, onde ainda hoje resido. Algo como a Dublin de Joyce para nós estrangeiros, embora James Joyce fosse muito pontual na descrição de seus cenários, mesmo quando já estava no exílio.

Minha infância foi feliz, sem conflitos, com leituras iniciais nada precoces, mas que fizeram meus parentes pensarem que eu era um leitor ávido, então eles me equiparam com clássicos juvenis que jamais toquei, embora tenha lido milhares de quadrinhos de super-heróis estadunidenses (*Superman, Batman, Homem-Aranha, Hulk*) e mexicanos (*Chanoc, Kalimán, Santo el Enmascarado de Plata*), personagens de desenhos animados (*Pernalonga e seus amigos, A Pantera Cor-de-Rosa*) e, para uma irmã mais nova com apenas um ano de diferença, repassava *Archie, Periquita, A Pequena Lulu*, semana após semana, publicado em enormes tiragens que eram vendidas nas bancas por meio dólar na época, ou até mais barato. Também havia versões de Joias da Literatura que li pela primeira vez em “revistas de *monitos*”, como *A Tentação de Santo Antônio* (Flaubert) e semelhantes, bem como desastres recentes contados com ilustrações em edições do jornal mais popular, mas bem desenvolvidos em suas tramas e estruturas. Eu era um leitor muito visual entre os 12 e 16 anos, até comprar *Crônica de uma Morte Anunciada*, de García Márquez, em capa dura. E não é que eu achasse excepcional, mas comecei a adquirir livros como um louco, então quando entrei na universidade aos 18 anos já tinha lido o suficiente e me tornei uma referência para ajudar os colegas nas aulas de literatura.

Por outro lado, fui precoce na escrita de contos e rimas de qualidade, que ainda hoje me surpreendem; eram escritos cívicos e ligados a acontecimentos históricos, que pediam que eu e minha irmã fizessemos na escola. Os professores não acreditavam que um menino de 9 ou 10 anos tivesse escrito aquilo, mas desde então senti o prazer de saborear as palavras, influenciado pelo fato de que em dias de chuva minha mãe nos lia os poemas de uma antologia antiga, que não podia faltar nas casas mexicanas, chamada *El Declamador sin Maestro*. Naturalmente, no ensino fundamental também me fizeram declamar até o Hino Nacional, do qual houve até um concurso, que eu não ganhei, mas ao menos me permitiu analisar as imagens daquelas rimas patrióticas, que nos garantiam que pertenciam ao hino mais bonito do mundo, depois do francês. Também parei de escrever durante

minha puberdade e adolescência, pois eu preferia sair para jogar futebol, andar de bicicleta ou de patins e conversar com amigos do bairro.

### ***Como passou dessas experiências aos escritos de Joyce?***

Na faculdade, me deparei com o *Ulysses* na versão de José María Valverde, e desde os primeiros versos senti que havia algo de superior naquela prosa, como uma cena vista de vários pontos de vista ao mesmo tempo, na qual ação e pensamento eram representados tal como são, com imensa beleza, um fraseado em cascata que mesmo nos momentos mais confusos me deixou com uma impressão de perfeição, tal como se tivesse sido talhado na página desde tempos imemoriais. Encontrei o mesmo na prosa de Borges, Juan José Arreola e Rulfo, a mais sublime da língua, mas que era estática, enquanto em Joyce a linguagem fluía como uma escultura de fumaça ou água. Também apreciei esse dinamismo nos primeiros romances de Carlos Fuentes ou Vargas Llosa, e em Cortázar, mas vinculei mais o irlandês à marca que a poesia me deixou, à qual me tornei um aficionado, participando de um curso com bons amigos durante anos. Fui um imitador de Paz por achá-lo cerebral, mas gostava de imagens retumbantes que dizem mais de dez estrofes. Desde então me tornei um caçador destas imagens, por isso em Joyce (mesmo que traduzido) encontrei uma boa fonte. Mais tarde conheci *Dublinenses* e *Um retrato do artista quando jovem* e valorizei-os como alta literatura, mas não na escala de *Ulysses*. Talvez, porém, *O jogo da Amarelinha* de Cortázar tenha me satisfeito de forma semelhante, e o defini como *O Terceiro Ulysses* ao propor um ensaio que nunca escrevi.

### ***Como foi seu primeiro contato com o Wake? E por que você decidiu traduzi-lo?***

Primeiro, nos anos 90, encontrei na livraria de *Zócalo* (praça cívica no centro da cidade) um exemplar solitário da editora Lumen com o terrível compêndio traduzido por Pozanco, que desde o início caiu das minhas mãos. Senti que James Joyce foi traído, mesmo sem haver lido o texto original. Eu trabalhava em 2005 como editor em uma editora de livros didáticos quando a *internet* me trouxe a primeira página de *Finnegans Wake* (FW), e mais uma vez provei a prosa de seu autor. Saboreei-a. Percebi o erro grosseiro de Pozanco pela própria abordagem que ele assumiu, pensando que se ninguém entendesse o texto “de qualquer forma”, ele se daria licença para destruir o romance e picotar o que encontrou em um inglês relativamente padrão. Aquela história de tradutor profissional de espanhol (trabalhando, basicamente, por empreitada e remunerado) resultou em um linguajar disparatado de mais de 230 páginas, um terço do texto joyceano, mas como se fosse pronunciado por um deficiente mental no dialeto do jardim de infância. Então

adentrei a obra, intuindo muitos dos significados considerados difíceis para tradutores estrangeiros não familiarizados com as línguas românicas, já que o texto era salpicado de raízes latinas e gregas. Obviamente, já à primeira vista detectei a “intenção” daqueles parágrafos da página inicial, percebendo o que estava sendo contado e como o irlandês o fazia, e não fiquei nem um pouco desapontado.

Meu inglês não era excepcional nem erudito, nem o é agora, mas os dicionários multilíngues, tanto físicos quanto *online*, foram de grande ajuda, e captei o “espírito” do tom e dos recursos, as cascas de banana (armadilhas de estilo) que o autor joga ao longo de sua criação, além disso, os resumos disponíveis na rede deram uma valiosa orientação. Porque a história é narrada de forma bastante coerente em uma primeira versão de menos de duzentas páginas e, claro, há partes inteiras de acréscimos, mas um enredo é definido desde então. Em suma, comecei a traduzi-lo por curiosidade e porque vi que podia, como um exercício de empatia com Joyce, até chegar a um nível em que sentia que estava praticamente lendo a mente daquele gênio da(s) língua(s), mas assumindo o compromisso de respeitá-lo ao pé da letra, sem tomar “muitas” licenças, a não ser aquelas que ele mesmo endossaria como condizentes com seu projeto, que somarão não mais do que seis ou dez no em todo o primeiro capítulo.

Mesmo sem conhecer a “aclamada” tradução dos anos 60 que o reverenciado escritor mexicano Salvador Elizondo fez do mesmo início de FW que traduzi, a qual continha anotações, presumi que o adequado seria utilizar essas digressões esclarecedoras em minha versão, em um romance que em seu fluxo original não estava isento deste recurso de desviar-se à menor provocação, como acontece em algumas de suas referências (Sterne, Rabelais), mas me enriqueceu muito como leitor aprender necessariamente de onde veio uma certa alusão obscura, sendo que acessei grupos internacionais de leitura e, claro, vali-me do trabalho titânico de Roland McHugh a esse respeito, estruturado com anotações linha por linha, que pretendem ser exaustivas, mas às quais agora ele poderia adicionar centenas de dados não incorporados em sua proposta (que está na quarta edição) visto que, traduzindo a obra de todas as línguas que identifico com meu método e relacionando uma referência à outra, as chaves nos levam a novos caminhos, que o próprio autor se encarrega de comprovar a partir do recurso de “redundância”, que Umberto Eco já intuía para obras abertas, especialmente como esta.

***Quanto à sua tradução: é total ou parcial, quais capítulos foram traduzidos e publicados, qual foi a circulação e como foi concebido o projeto gráfico?***

Publiquei uma primeira versão do capítulo inicial, mais experimental e ainda sem notas (embora eu tenha trabalhado nelas desde o início do projeto), por conta própria nas plataformas *lulu* (para a América) e *bubok* (para a Espanha) ainda em 2009. Todavia ela está lá, e tem jogos de palavras e variações que não incorporei depois, no esforço de tornar o texto ainda mais legível e “didático”. A essa altura, eu também havia concluído o segundo capítulo, mais curto e “simples” que o primeiro. Marcelo Zabaloy, com quem tive uma relação epistolar a partir de então, da qual falarei mais tarde, me convidou em 2016 a colaborar com ele em sua versão para *El Cuenco de Plata*, e me ofereceu como desafio revisar o capítulo 10 (FW II.2), considerado pelo próprio Joyce o mais difícil de desvendar, basicamente por sua estrutura de notas nas margens e no rodapé da página, além do jogo entre as diferentes narrativas dos irmãos gêmeos (esquerda e direita, sendo que eles mudam de lugar ao mesmo tempo), da ninfeta Issy (abaixo) e do narrador (meio), mas meu método de dialogar com todas as línguas acessíveis, ao contrário das orientações de Zabaloy baseadas (quase) exclusivamente em inglês, embora ele também seja fluente em francês, impediu que essa colaboração rendesse frutos, pois, como sublinhou o tradutor argentino, o FW não se presta a critérios de consenso, pelo menos em nosso caso, embora as traduções de ambos apresentem um texto mais “legível”, sendo praticamente variações do mesmo; mas onde Zabaloy mantém a confusão inicial por se tratar de uma polissêmica obra em mais de sessenta línguas e dialetos aparentemente diferentes e irreconciliáveis (do que deriva a genialidade da proposta do FW do meu ponto de vista), eu aposto no esclarecimento de cada afirmação e referência na medida em que minha versão pode ser lida como se as distorções não existissem, exceto por alguns trocadilhos e jogos de palavras que fui capaz de adaptar com clareza suficiente para não obscurecer os significados. De qualquer forma, interessado em publicar minha versão anotada e retrabalhada do primeiro capítulo até que este fosse totalmente compreensível, levantei meu projeto em uma plataforma de *crowdfunding* e obtive recursos para fazê-lo, mas uma editora independente de Guadalajara (*Ediciones Arlequín*) se interessou e propôs entregar aos meus doadores uma edição de luxo em capa dura, e produzir outra em brochura, além de uma edição digital posterior. Foram distribuídos cem exemplares em capa dura entre os participantes do financiamento, em brochura a tiragem foi aberta, e com relação ao livro eletrônico também. Foi um trabalho muito profissional, e a capa, baseada em um conceito meu, estava impecável. Agradeço muito a eles porque optaram por “resgatar” Joyce ao estrato literário contemporâneo no castelhano do México, visto que o texto foi bem recebido em seu nicho de mercado acadêmico e literário. Foi apresentado na Feira Internacional do Livro de Guadalajara (FIL) em dezembro de 2016.

Já para a FIL 2021, com o Peru como Convidado de Honra, a editora *Colmena* lançou quatro capítulos em versão comentada, com ensaios e sinopses introdutórias, além da colaboração acadêmica de um destacado especialista mexicano. O apoio foi obtido da *Irish Literature*, agência de promoção cultural do governo irlandês, e o volume terá cerca de quinhentas páginas. Incluirá os dois primeiros capítulos, *Finnegan's Wake* e *Earwicker's Ballad*, e o capítulo 8, popularizado com o nome de *Anna Livia Plurabelle*, o mais trabalhado em traduções (e apesar disso, mal interpretado); bem como o já citado FW II.2 em formato de caderno escolar, conhecido como *Los Estudios*.

***Sua tradução conta com as versões impressa e Kindle. Quais são as principais vantagens e desvantagens de cada versão?***

Não interferi na adaptação para livro digital, e percebo que o texto ali flui sem tantos entraves visuais, enquanto os *links* para as notas podem ser vistos à parte, ou evitados. Recomendo várias leituras por parágrafo: a primeira, sem buscar as anotações; a segunda, revisando as notas de rodapé nos diversos contextos em que surgem as afirmações e as alusões; a terceira, espelhando o original em inglês, para apreciar o método joyceano de usar recursos mínimos para evocar na mesma frase significados múltiplos que reafirmam, negam, sublimam ou frivolizam a mensagem primária e mais clara. Por exemplo, o famoso ícone de vitral de uma catedral inglesa onde a crucificação é retratada torna-se “cruci/ficção”; ou seja, sua própria paródia pela variação, inclusão ou elisão de alguns signos, devido a suas possibilidades polissêmicas em outras línguas diferentes, que se encaixam quase milagrosamente! Para o exposto, prefiro a edição impressa que, embora seja visualmente densa, é mais prática.

***Você tem um blog e uma comunidade no Facebook dedicados a Finnegans Wake. Qual foi a motivação para criá-los e como foi o feedback das redes sociais?***

O verdadeiro desafio desta tarefa não foi a tradução em si, para a qual estruturei intuitivamente um método cuja eficácia testo e comprovo desde 2005. O que ainda é realmente complexo é revelar e convencer tírios e troianos de que os preconceitos quanto à ilegibilidade do texto são inteiramente falsos, e se *Ulysses* foi uma revolução das formas, *Finnegans Wake* é dos conteúdos; isto é, o autor estava convencido (como eu) de que qualquer variação, por mínima que seja, consciente ou inconsciente, lança um referente que é incorporado com sorte ao corpus da trama. Diz-se que o irlandês acolheu com agrado os acidentes e erros de transcrição cometidos por seus colaboradores, mas devemos levar em conta que durante a gestação de FW já estava praticamente cego devido ao glaucoma,

além de apresentar diversas enfermidades gástricas e dentárias que minavam seu humor. Os exemplos que conheço a esse respeito são apócrifos, uma vez que não se refletem em nenhum lugar do romance, como o de Samuel Beckett digitando um ditado e incorporando a resposta espontânea de James Joyce à batida de uma porta; mas identifico referências estranhas que são incorporadas ao texto de maneira feliz, embora não possa afirmar que Joyce as tivesse em mente. Basta mencionar, na primeira página:

*Shen brewed by arlight and rory end to the regginbrow was to be seen ringsome on the aquaface.*

À primeira vista, pode evocar-nos uma ponte que atravessa o rio Liffey em Dublin, apelidada de Rory O'More; com a ressalva de que foi inaugurada com esse nome em 1939, mesmo ano da publicação do FW.

Assim, as redes sociais têm me ajudado a quebrar a barreira, envolvendo (pelo menos) todos os intelectuais que tenho cadastrados no *Facebook*, os quais ainda são reticentes em público, mas se entusiasmam com este trabalho no privado. Os espanhóis Enrique Vila-Matas, o argentino Patricio Pron, os mexicanos José Emilio Pacheco (+), Gustavo Sainz (+), Juan Villoro, Pedro Ángel Palou, Bernardo Ruiz, Julián Herbert e Antonio Ortuño, entre outros, desfrutaram da última obra de Joyce a partir do meu trabalho. Em meu *blog*, há colaborações na mídia impressa e em *sites* especializados, entrevistas publicadas e o *site* da Academia, essa versão também encontrou eco internacional, que goteja como umidade nas paredes para romper a resistência do prédio construído há noventa anos pelos detratores do FW. Pelas redes sociais consegui minhas duas editoras, *Harlequín* e *Colmena*, o que já é um lucro.

***Já apresentou sua tradução em eventos acadêmicos. Qual foi a recepção neles, em outros setores da academia e pelo público em geral?***

Por um lado, entusiasmo; por outro, censura, ao menos no México. Abriram-se portas no Peru e na Espanha para a apresentação de meus *papers*, mesmo na minha ausência, lidos por promotores de eventos locais (Lima, Bilbao). Obtive um apoio especial da *International James Joyce Foundation* para participar no congresso anual realizado na Antuérpia (Bélgica) em 2018, embora não tenha podido aproveitar por motivos pessoais; Mas a porta se abriu para que na edição subsequente, por acaso realizada no México, eu me responsabilizasse por um painel em catelhano do qual participou o peruano Ricardo Silva Santisteban, tradutor de elite e acadêmico da língua, além do mexicano Alejandro Toledo, reconhecido especialista neste autor e em outros “especiais”. Organizado pela Universidade Autónoma Metropolitana (UAM) e pela Universidade Nacional Autónoma do Méxi-

co (UNAM), fui citado em algumas apresentações exteriores, mas visto com desconfiança pelos renomados acadêmicos de institutos nacionais e estrangeiros que participaram, na medida que confrontei (em particular) John Gordon, que presumiu que eu pediria sua ajuda, e esclareci que, ao contrário, Finn McCool estava acordando e falando espanhol. Por outro lado, Fritz Senn apreciou minhas notas e a sinopse de FW II.2, utilizando-as em um seminário sobre o assunto em agosto de 2019. Os diretores de Humanidades da UNAM escolheram então “me apagar do mapa” e não me integrar ao encontro sobre Joyce que organizaram este ano (2021), nem aceitaram a minha contribuição para a edição especial de Novas Poligrafias dedicadas ao irlandês que saiu em agosto, apesar de, no artigo principal do evento, comentarem o meu trabalho ao lado de especialistas estrangeiros. Em suma, as reações que recebo quando menciono que traduzo FW para o castelhano em uma versão anotada vão da descrença total ao espanto ao vê-lo impresso, e até ao entusiasmo ao ler e entender a obra. Em muitas ocasiões as três reações ao mesmo tempo.

***O primeiro capítulo apresenta uma sinopse, um texto introdutório e mais de 1000 notas, que se expandem quase como uma obra à parte. Você pode falar sobre esse projeto crítico que acompanha a tradução e sobre a importância de uma tradução anotada para o leitor?***

As principais fontes são os sucessivos rascunhos da *Work in Progress*, resgatados e postados *online* por Clive Hart e outros especialistas; as conversas em grupos de estudo estrangeiros virtuais e o trabalho de anotações de Roland McHugh; mas à medida que avançamos, outras chaves para a leitura são reveladas pelo contexto. Centenas delas, até agora. Que privilégio é a empatia por Joyce, tentando ver o que ele poderia considerar naquele momento e as circunstâncias da composição de seu romance mais exigente, tanto para ele quanto para seus leitores insones. *Ulysses* foi escrito em sete anos e FW exigiu dezesseis, com a saúde debilitada e recebendo o escárnio de seus promotores mais entusiasmados. “Por que você insistiu em fazer algo assim nos últimos anos de sua vida?” Ele mencionou que esse trabalho não era literatura na época, mas que um dia seria. É precisamente agora, na era do hipertexto, ele se torna a representação mais precisa de seu projeto final.

Para mim, como leitor, o esclarecimento das referências abre o panorama de um outro universo de conhecimento ao qual eu não teria acesso pelos meios convencionais, por falta de interesse, foco ou oportunidade de descobri-lo. Por exemplo, as mitologias nórdicas, as antigas culturas egípcia e chinesa, episódios da história da Europa, uma abordagem de obras literárias e textos diversos que eu desconhecia e todo um corpo de dados que



enriqueceu minha perspectiva da cultura mundial, abordando povos distantes no tempo e no espaço. O mesmo será encontrado por qualquer leitor curioso e atento.

### ***Como foi a busca e o relacionamento com as editoras?***

Em ambos os casos, os editores vieram sozinhos por meio das redes sociais. O relacionamento com os dois tem sido bom, pois meu interesse é mais divulgação do que lucro, e sinto que movo uma enorme pedra de relutância, desprezo e esquecimento com apenas uma minúscula alavanca, que é o meu computador.

### ***Pode falar sobre o processo de tradução?***

Comecei com a primeira página em 2005 e demorei duas semanas para completar uma versão inicial com anotações satisfatórias, versão que mais tarde foi publicada em um jornal de circulação nacional. Entre junho de 2007 e o mesmo mês de 2008, concluí o primeiro capítulo, e imediatamente iniciei o segundo, que terminei um ano depois, em 2009. Em 2016, instigado pelo desafio de Marcelo Zabaloy, iniciei o FW II.2, e terminei em 2018. Comecei então Anna Livia Plurabelle, que finalizei em 2019. Nessa ocasião apareceu a segunda editora peruana, que fez os trâmites para solicitar o apoio da *Irish Literature*, cuja resolução veio em novembro de 2020, devido à pandemia. Este livro foi lançado em novembro de 2021.

Se eu continuar por conta própria, será um projeto ao qual voltarei de tempos em tempos, enquanto desenvolvo minha própria narrativa e obra poética; mas os avanços de FW não veriam mais a luz do dia como um livro até que estivesse completamente concluído, com todos os 17 capítulos totalmente legíveis e anotados; todavia, se um projeto for realizado com o apoio financeiro e humano de instituições educacionais ou culturais, e pelo menos uma editora com poderio econômico, eu reuniria uma equipe internacional que se encontraria virtualmente para trabalhar simultaneamente em todas as seções, individualmente ou em pares, após a transmissão de meu método a eles, e uma edição completa poderia ser finalizada em um período de três a cinco anos, pronta para publicação. E, ainda assim, continuaria a retrabalhar aquele texto pelo resto da minha vida, pois a cada releitura surgem novos aspectos que me interessam.

### ***Quais foram os métodos de tradução e instrumentos de pesquisa que utilizou?***

Desenvolvi meu próprio método para identificar as línguas com as quais Joyce enxertou o texto em inglês, mas principalmente a paciência e o entusiasmo para revelar (primeiro para mim) tanto estas fontes quanto as referências explícitas e implícitas. Trabalho frase a frase,

até ficar satisfeito em pelo menos noventa e cinco por cento; eu avanço e volto para revisar e comparar com o que encontrei depois. Procuo dicionários e documentos *online* ou na mídia impressa que confirmem a primeira impressão do trecho em que estou trabalhando.

***Quais são os principais aspectos da sua tradução? Você destacou algum elemento, como oralidade, neologismos, literalismo, ritmo etc.?***

Obviamente, como se viu, priorizo os significados, a coerência do texto, o surgimento da trama “linear e inter-relacionada”, como afirmou James Joyce em entrevista publicada. Com o ouvido de poeta, busco também o ritmo e a cadência, a riqueza das imagens e da linguagem, a estrutura original, inclusive a pontuação um tanto arbitrária que costuma caracterizar o autor irlandês, ainda que seja funcional para sua mensagem.

***Você tem uma parte favorita do trabalho? Pode citá-la e comentar sobre suas opções de tradução?***

Na verdade, sinto que o texto inteiro é equilibrado, como em qualquer exercício narrativo, embora goste particularmente de um segmento da página 287 em que parodia uma exortação latina:

*—venid sin dilación, hombres pretéritos, mientras un pedacito de papiro imperial de segundo grado, relativo a los que nacerán después, se exhibe con mayor propiedad en la lengua romana de los muertos. Déjennos, sentados gozosamente sobre ollas de carne (Éxodo 16:3) y viendo de hecho el sitio de París de donde surgirá una gran progenie humana, volver en nuestras mentes a la sabiduría más antigua de ambos sacerdotes Giordano y Giambattista: al hecho de que todo en el río fluye de manera segura, con una clara corriente, y que esas cosas que habrían estado en la ribera estarían después en el lecho; finalmente, que todo se reconoce a sí mismo a través de algo opuesto y que la corriente es abrazada por orillas rivales—*

Por exemplo, neste caso excepcional, acrescentei no texto uma alusão bíblica que parece desmotivada, que contextualiza o que se refere ao acesso dos escravos à opulência de seus senhores: *y les decían los hijos de Israel: Ojalá hubiéramos muerto por mano de Jehová en la tierra de Egipto, cuando nos sentábamos a las ollas de carne, cuando comíamos pan hasta saciarnos; pues nos habéis sacado a este desierto para matar de hambre a toda esta multitud.*

Este é um exemplo de como as notas contribuem para que o texto foque nossa atenção em motivos novos que enriquecem o discurso original.

***O pesquisador Patrick O’Neill elogiou a tradução de seu título em artigo publicado na revista Qorpus. Você pode explicar a escolha por Estela de Finnegan?***

Como explicou o pesquisador, escolhi esse título perfeitamente aplicável ao primeiro capítulo porque é uma das traduções possíveis, que tem sido muito discutida, e que talvez seja a menos óbvia, por isso é também uma provocação. Mas, realmente, este trecho aborda a origem do romance com um personagem emblemático da primeira página, o pedreiro Tim Finnegan, que cai de um muro supostamente “morto”, personificando a divindade em todas as suas manifestações, principalmente Cristo, o próprio Deus se fez homem, e que será revelado por seu novo avatar, HCE, que no final de FW I.1 aparece entrando em Dublin pelo rio Liffey a bordo de um barco, o que gera um rastro que inclui a história, o presente e suas consequências futuras, previsíveis desde então, pois já são abordadas neste texto, que é cíclico, com diferentes eras se repetindo no tempo, segundo Giambattista Vico e outros autores.

***Qual é a sua relação com as teorias da tradução?***

Não tenho nenhuma relação formal com teorias de tradução. Não abordei o texto a partir de qualquer preconceito, antes o enfrentei como leitor interessado e curioso, apelando para o que seu autor havia declarado sobre ele e com enorme respeito pelo fluxo de sua prosa. Não tive nenhum preconceito, mas indignação com o que havia sido construído em torno de FW durante décadas, rebaixando-o pela flagrante incompetência de seus detratores, embora entre eles houvesse nomes de enorme estatura, como o do confuso Samuel Beckett, bem como de T.S. Eliot; as birras do nosso querido Borges (em castelhano) ou a incompreensão do gênio cubano Guillermo Cabrera Infante, um espírito de outra ilha prodigiosa aparentado com Joyce. Respeito o esforço de quem buscou uma abordagem leal e real do romance, como os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, Dr. Ricardo Silva Santisteban e justamente Marcelo Zabaloy, que é apaixonado como poucos por textos complicados e exigentes para o leitor e para os tradutores.

***Você acha que o Wake se encaixa em alguma teoria de tradução?***

Não sei e, nesse caso, é um desafio para os próprios teóricos, e se não se enquadra em seus preconceitos, é problema deles, não de seu autor. Não é meu.

***O tradutor do Wake pode ser considerado um coautor do livro?***

Não me considero coautor com Joyce, nem o faria por ego ou pedantismo, que nunca são demais nesta tarefa, mas o que ele diz não são imagens que surgem naturalmente do

meu processo mental diário. A organização de ideias dele não é minha, embora eu tenha conseguido me juntar a elas, então definitivamente o rótulo de tradutor parece suficiente para validar este trabalho; mas eu nem preciso, antes me considero um “leitor atento” que investiga e divulga suas descobertas. É por isso que chamo minhas contribuições de “Uma leitura anotada”. E estou satisfeito em ser o primeiro ou o segundo leitor (alheio ao seu criador) que compreende esta obra em essência, depois (talvez) de James Stephens, um amigo próximo de Joyce, a quem ele revelou seu método de composição e foi encarregado de continuar o romance caso Joyce morresse no processo. Ele seria seu coautor, já que os respectivos créditos apareceriam na capa como JJ & Stephens, emulando a marca de uísque *JJ & S, John Jameson and Son*.

***Alguns tradutores do livro trocam referências do original por referências a elementos de seus países. Você concorda com este processo transcultural? Onde seu projeto está localizado neste contexto?***

Nada me parece mais chocante do que ler isso, que é exatamente como García Tortosa apresenta suas lavadeiras no capítulo VIII, publicado pela editora Cátedra: como se fossem esfregonas sevilhanas. Além disso, tenho o aparato das notas para, se a referência original for importante, apontá-la no contexto. Jamais apresentaria a Virgem de Guadalupe (simbolicamente tão importante no México) ou figuras históricas de meu país que não se assemelham a nada, embora nas colônias sempre tenhamos nosso próprio Libertador. Por outro lado, Joyce apresenta os astecas por conta própria em FW, o vulcão Popocatepetl como uma representação de HCE em sua “encarnação” de montanha e alguns rios de meu país no capítulo “Anna Livia Plurabelle”.

***Quais são as principais diferenças entre a sua tradução e as demais traduções para o espanhol, como a completa de Zabaloy, e as parciais, como as de Pozanco, Lago e Tortosa?***

Respeito o trabalho de Zabaloy, que traz ao castelhano uma versão “integral” que um leitor médio captaria em sua língua original, o inglês, e ele o faz comprometido, sem pretensão e alegremente, no que diz respeito ao prazer em compreender algumas passagens e transcrevê-las com dignidade. A “coisa” do Pozanco foi um trabalho fragmentado, sem valor para mim. A de García Tortosa retrata plenamente a posição da academia, com um texto preliminar de 150 páginas onde o FW é contextualizado com solvência, o que é apreciado, mas como tradução é inteiramente indigesto. Eduardo Lago conseguiu dar a ALP um corpo pelo menos delineado, mas ele próprio se perdeu e saltou várias páginas, as quais teve

que recuperar no final do seu projeto publicado no *blog* de Vila-Matas. Deste trabalho, ele também resgatou as introduções, mas faltando um terço de sua missão já havia perdido o impulso inicial e reclamava como se fosse um martírio insuportável. Destaco também as abordagens fragmentárias de Ricardo Silva Santisteban às obras joyceanas, especialmente ao FW. Existem duas outras versões argentinas bastante solventes, embora ainda ilegíveis enquanto texto literário coerente e agradável: a de Chitarroni e a de Lamborghini.

Considero que minhas versões dos quatro capítulos já concluídos são coerentes, agradáveis como literatura, que recuperam a alegria de Joyce ao escrever, como quando ele se trancava em seu quarto para rir, para espanto de Nora, sua esposa. Identifico nelas a prosa e o estilo encontrados nas traduções do *Ulysses*, com os mesmos obstáculos atribuíveis ao estilo e às abordagens do seu autor, mas que são agradavelmente contornados, também pelo sentido de humor que (enfim!) pude transmitir claramente na minha língua materna, conforme as sugestões do autor. As notas abrem o panorama para surpreendentes universos de conhecimento que nos incitam a continuar investigando e apreendendo as diferentes “realidades” do homem ao longo do tempo, até tocar nos mais elevados conceitos de espiritualidade através do Alcorão, da Bíblia, da Cabala, de vários textos religiosos ou herméticos, e até mesmo a visão esotérica do poeta WB Yeats, que eu não conhecia.

***Além dessas traduções, o que você tem a dizer sobre as realizadas para outras línguas?***

Não as entendo ou aprecio como literatura. Mais divertidas são as glosas e “explicações” de vários especialistas, que também se perdem em um mato sem cachorro, inventando suas próprias narrativas sem um apoio fidedigno no texto, mas vejo-as como obras de ficção acadêmica puramente especulativa. Na verdade, há uma espinha dorsal da trama que é compartilhada, relativamente clara, cuja exposição dividida por capítulos não ultrapassa algumas páginas. No geral, são como “cachorro correndo atrás do próprio rabo”.

***O que o tradutor de Finnegans Wake deve procurar para ter sucesso? Quais são as liberdades e limites deste trabalho?***

O tradutor desta obra deve buscar exatamente o mesmo que se busca em qualquer outro texto: entregá-lo de forma íntegra em seu idioma de destino, da melhor maneira possível para sua fruição, sem concessões. Tão legível e coerente quanto o texto permite que seja e mereça sua tradução para outro idioma. Se eu considerasse que o esforço não valia a pena, não o faria. Como vou traduzir o que eu mesmo não entendo ou não gosto? Se minha compreensão e interesse em fazê-lo são nulos ou parciais, não faz sentido nem aceitar o *slogan*.

Há liberdade absoluta para obter todas as ferramentas que contribuam para a tradução eficaz do texto: biografias do escritor e seus parentes (irmãos, pais, filhos, cônjuges), outras versões traduzidas de FW ou de outras obras do autor, livros de história ou guias de leitura e do lugar onde se desenrola a trama, estudos críticos e resenhas. Conversas e consultas com especialistas. Se necessário, para ter empatia com o autor, até mesmo receber conselhos de um médium, antes mesmo de começar a fazê-lo, deixando lacunas na compreensão das palavras ou do objetivo da obra, o que também poderia levantar a questão da confusão como meta, como *Os Cantos* de Pound, experimentos narrativos surrealistas, dadaístas ou similares; certos tipos de poesia, monólogos interiores ou fluxos de consciência, narrativas do absurdo e assim por diante.

Não dar um passo no vazio sem vislumbrar a meta, algum motivo forte e a paixão para correr aquele risco que pode levar tanto a se encontrar quanto a se faltar. E saber parar no tempo, não trocar gato por lebre, como costuma acontecer com FW e outros textos complexos, que tendem a nos convocar e seduzir aos poucos, tanto para ler como para traduzir, se necessário.

***Você pode falar sobre os jogos de palavras multilíngues do Finnegans Wake e como você trabalhou com eles em sua tradução?***

Eu os abordei em partes. Primeiro, elucidar o significado no contexto; veja de onde vem e antecipe para onde a frase pode ir. Já com as chaves gráficas ou fonéticas (como soa?) tem-se uma base em inglês. Ouça em sua mente e repita em voz alta. Várias vezes. Em seguida, preste atenção às variações na grafia: o uso de uma letra intercalada ou ausente em uma palavra reconhecível (*commodius*) indica que há algo adicional ali. O aparecimento de um apóstrofo ou a mudança incomum na sintaxe de uma frase comum e coloquial também são pistas (*Eve and Adam's*) a serem levadas em consideração. Construções incomuns em palavras de portfólio que revelam significados adicionais (*riverrun*), conceitos polissêmicos (*back*) ou obscuros (*vicus*) que podem vir de diferentes idiomas, mas dialogam com certos significados pelo contexto no original (*recirculation*). O parágrafo divide uma palavra em dois ou mais significados implícitos. Uso aparentemente arbitrário de maiúsculas (*Environs*) ou minúsculas:

*riverrun, past Eve and Adam's, from swerve of shore to bend  
of bay, brings us by a commodius vicus of recirculation back to  
Howth Castle and Environs.*

***Muitas partes do livro escapam da forja da gramática normativa. Qual é a importância dessa agramaticalidade para a poética do livro e como você lidou com isso?***

FW responde à sua própria gramática e, para compreendê-la, basta elucidar suas recaídas, e não as normas, que foram antecipadas principalmente em *Ulysses*. Não deve ser surpresa que a mesma palavra tenha dois significados e arranjos diferentes em frases semelhantes, separadas por várias linhas ou páginas, mas você deve sempre se apoiar no contexto: veja se é válido, ou mesmo se os significados opostos “se encaixam” (ou não) na coerência interna do discurso, pois também é frequente que uma frase seja reafirmada ou negada na seguinte. Ou nessa mesma construção gramatical. Dizer que alguém aparece em um baile de gala elegantemente vestido com seu traje de nascimento alude a estar nu, por exemplo. Para isso, foi necessário ensaiar, experimentar, descobrir e avançar no texto para reafirmar os truques não explícitos ou reincidências que mencionei anteriormente.

***Finnegans Wake passou muitas décadas apenas com traduções parciais, mas hoje também existem várias traduções completas. O que você acha das constantes retraduições? O espaço para elas é ilimitado?***

É ilimitado enquanto não houver pelo menos um texto canônico e estabilizado para erguer com fundamento suficiente as construções de variações, interpretações e especulações acadêmicas. Analisamos *Dom Quixote*, que é um texto já fixado no tempo, que não requer o acréscimo de uma vírgula, e ainda podemos abordar teorias e criar especulações em torno dele. É a isso que meu trabalho aspira, a poder ser retraduzido sem (muitos) problemas para qualquer idioma; mas estou convencido de que foi isso que Joyce ofereceu aos leitores e que minha proposta tradutória está bem próxima do que ele mesmo compreendeu e apreciou ao compor e reler seu texto. Pelo menos, gosto disso como algo original, exuberante, extremamente lindo e inédito.

***O que você tem a dizer aos teóricos que rotulam Finnegans Wake de intraduzível?***

*Finnegans Wake* é a obra mais ambiciosa de um gênio literário do século XX, o qual é incomparável em sua plenitude criativa. O maior exemplo de seu talento. E devemos nos aproximar desta obra monumental que aspira integrar a história do mundo e da literatura em um único volume, cujos significados se desdobram profusamente, dando a impressão de ser o autêntico livro sem fim ao qual Borges aspirava.

